

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *formal da Bahia*

Class.: *16*

Data: *30.08.81*

Pg.: _____

Ministro da Justiça quer tudo esclarecido

A Superintendência da Polícia Federal ainda não recebeu a determinação do Ministério da Justiça para apurar, "rigorosamente", a agressão sofrida pelo índio Antonio Boaventura, da tribo Gavião, do Maranhão, ocorrida quinta-feira à noite no interior da loja de discos "Renovassom". Mas Tep Kahok, um índio aculturado, parente "por afinidade" da família, vai amanhã a PF exigir uma apuração do problema, independente da determinação do Ministro Ibrahim Abi-Ackel, divulgada, ontem, pela manhã pela Rádio Globo do Rio de Janeiro.

Antonio Boaventura fez exame de lesões corporais ontem, de manhã, no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, com suspeita de estar com traumatismo craniano em virtude das bordoadas de barra

de ferro que recebeu dos funcionários da loja, que cumpriam ordens de uma das sócias, conhecida apenas por D. Aurea. Tep Kahok, que faz cinema em Salvador, está interessado na questão, lembrando que aqui não existe delegacia da FUNAI — Fundação Nacional do Índio.

UM ABSURDO

Depois de ter recebido a solidariedade da ANAI — Associação Nacional de Apoio ao Índio, Tep Kahok está preocupado em exigir uma "apuração rigorosa" do espancamento de Boaventura: "É engraçado como pessoas que se dizem civilizadas espancam um índio com tanta barbáridade", afirmou ele. E se disse disposto a "não deixar passar em branco a agressão", exigindo uma punição para os funcionários e a proprietária da

"Renovassom". A respeito de uma possível insistência do índio Antonio Boaventura em levar o disco de que gostou, Tep lembrou que "a ingenuidade ainda faz parte do mundo mental do indígena, repleto do misticismo que marca a sua cultura".

Antonio Boaventura está em Salvador desde sexta-feira da semana passada, com seus familiares de Pedro Bandeira, Antonio Cazuza e suas mulheres e filhos, representando sete adultos e 4 crianças. São agricultores no Maranhão e vieram a Bahia apenas para passear — "uma atitude comum na vida do índio" — e vender artesanato. Dormem no Albergue Noturno de Salvador, na Baixa dos Sapateiros e comem no Quartel do Corpo de Bombeiros, cujos soldados estão revoltados com a agressão sofrida por Antonio.

**A versão da loja:
"Fóram só alguns empurrõezinhos"**

Na loja "Renovassom", onde o Índio Antonio Boaventura foi barbaramente espancado quinta-feira, os funcionários que presenciaram a agressão foram "afastados" por tempo indeterminado. Não foram demitidos, segundo assegurou ontem Francisco Beherman Ramos, que foi convocado para tomar conta da loja desde anteontem. Ele garante que uma das sócias da loja, D. Aurea, não autorizou a agressão e insiste em negá-la: "Foram apenas alguns empurrões".

Francisco Ramos veio ontem ao JORNAL DA BAHIA prestar informações, depois de ter se negado a qualquer entrevista quando procurado pelos repórteres na "Renovassom". Nervoso, ele agrediu com palavras os repórteres, — "lá só tem corruptos" —, ameaçou expulsá-los da loja mas, depois, veio à redação pedir desculpas pelo "nervosismo". E contou que D. Aurea é apenas uma das sócias da "Renovassom" e que a agressão não passou de empurrões, depois que o índio Boaventura insistiu em levar o disco de que tinha gostado e de ter "metido a mão numa sacola que levava".

Sem querer entrar no mérito da agressão, o funcionário da loja garantiu que todos os empregados que trabalhavam na quinta-feira foram "afastados do serviço". E está preocupado com os constantes telefonemas de populares com ameaças de depreciação da loja.

**E na delegacia,
o escrivão não fez nada certo**

O escrivão da 1ª Delegacia, na Piedade, não lavrou o flagrante da agressão sofrida quinta-feira passada pelo índio Antônio Boaventura. O delegado Ivan Barroso, não se encontrava no local no momento da apresentação dos envolvidos — vítima e agressores — e o escrivão criou muitas dificuldades para apurar o espancamento. Não ouviu os policiais que conduziram o índio, "limitando-se ao depoimento dos agressores e testemunhas, criou caso para liberar a guia de exame de lesões corporais para Antônio e decidiu, por fim, não lavrar o flagrante.

Os policiais que compunham as três viaturas que estiveram no local do espancamento estão revoltados com o comportamento da 1ª Delegacia. Além de não ter sido feito o flagrante, os agressores foram liberados imediatamente, na presença do advogado da loja de discos, que, segundo um dos policiais, "enrolou" o escrivão. Na Polícia, o problema ficou como se não tivesse havido agressão, com lesões corporais irrefutáveis — incluindo um corte na cabeça de Antônio Boaventura, que levou dez pontos, provocado pela batida com uma barra de ferro.

Entre os moradores da vizinhança da "Renovassom" D. Aurea, que não compareceu à loja ontem, é vista como "acostumada com agressões semelhantes". E todos são unânimes em exigir uma punição para o espancamento sofrido pelo índio Antônio Boaventura.